

ANÁLISE PRÁTICA DE MEDIAÇÃO ACESSÍVEL COM UM GRUPO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM UM MUSEU PORTUGUÊS*

Practical analysis of accessible mediation with a group of people with intellectual disabilities in a Portuguese museum

Análisis práctico de mediación accesible con un grupo de personas con discapacidad intelectual en un museo portugués

Desirée Nobre Salasar

Terapeuta ocupacional. Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, Brasil.
dnobre.to@gmail.com

Francisca Ferreira Michelin

Docente dos cursos de graduação em Museologia e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, Brasil.
fmichelon.ufepel@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir uma intervenção da Terapia Ocupacional em uma visita com mediação acessível oferecida a um grupo de crianças com deficiência intelectual e necessidades educativas especiais, em um museu português. A prática referida neste trabalho insere-se no campo da Terapia Ocupacional e Cultura e foi realizada no Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, localizado na Vila da Batalha, em Portugal, dentro do contexto do estágio em Acessibilidade Cultural, realizado no ano de 2015. As visitas guiadas a públicos especiais já compunham as atividades do setor educativo do Museu. Entretanto, a visita que será relatada neste artigo foi a primeira experiência do museu com intervenção da Terapia Ocupacional. Como resultados apresenta-se a relevância da utilização do instrumento de análise de atividade para que a visita abranja maiores interações entre sujeito-informação-ambiente. Destaca-se, assim, a necessidade do terapeuta ocupacional enquanto profissional integrante da equipe do setor educativo do museu. Com este trabalho, pretende-se fomentar a atuação do terapeuta ocupacional em ambientes museais.

Palavras-chave: Deficiência intelectual; direitos culturais; museus; Terapia Ocupacional.

816

Abstract

This article aims to present and discuss an intervention of Occupational Therapy in a visit with accessible mediation offered to a group of children with intellectual disability and special educational needs, in a Portuguese museum. The practice referred to in this work is in the field of Occupational Therapy and Culture and was held in the Museum of the Community of Batalha, located in Vila da Batalha, Portugal, within the context of the Cultural Accessibility Internship, held in 2015. The guided visits to special publics already comprised the activities of the educative sector of the Museum. However, the visit that will be reported in this article was the first experience of the museum with intervention of Occupational Therapy. As results, the relevance of the use of the activity analysis tool is presented so that the visit encompasses greater interactions between subject-information-environment. This highlights the need for the occupational therapist as a professional member of the museum's educational staff. This work intends to promote the work of the occupational therapist in museum settings.

Key words: intellectual disability; cultural rights; museums; Occupational Therapy.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar y discutir una intervención de la terapia ocupacional en una visita con la mediación asequible que ofrece a un grupo de niños con discapacidad intelectual y necesidades educativas especiales, en un museo portugués. La práctica se hace referencia en este trabajo es parte del campo de la Terapia Ocupacional y Cultura se celebró en el Museo de la Batalla Concelhia Comunidad, que se encuentra en la localidad de Batalha, Portugal, en el contexto de la etapa de Accesibilidad cultural, celebrada en 2015. Las visitas guiadas a públicos especiales ya componían las actividades del sector educativo del Museo. Sin embargo, la visita que será relatada en este artículo fue la primera experiencia del museo con intervención de la Terapia Ocupacional. Como resultados se presenta la relevancia de la utilización del instrumento de análisis de actividad para que la visita abarque mayores interacciones entre sujeto-información-ambiente. Se destaca así, la necesidad del terapeuta ocupacional como profesional integrante del equipo del sector educativo del museo. Con este trabajo, se pretende fomentar la actuación del terapeuta ocupacional en ambientes museales.

Palabras clave: discapacidad intelectual; derechos culturales; museos; Terapia Ocupacional.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Este artigo apresenta e discute uma análise da prática em Terapia Ocupacional no campo da Cultura através de uma visita com Mediação Acessível realizada no âmbito do estágio em Acessibilidade Cultural em um museu português, o qual foi fomentado pelo Edital Conexão Cultura Brasil – Intercâmbios do Ministério da Cultura.

1.2 Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB)

O Concelho da Batalha está localizado há 120 km de Lisboa e divide-se em quatro freguesias: Batalha, São Mamede, Reguengo do Fetal e Golpilheira. A Vila da Batalha, destacada pelo seu importante monumento, o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, é caracterizada pelo turismo de passagem, que integra um roteiro que inclui as vilas da Batalha, Óbidos e o Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Assim, devido a este turismo tão característico, nasce o desejo da comunidade em ter um museu que contasse a história do Concelho e apresentasse aos turistas as demais riquezas daquele território (a história, os costumes, as tradições).

O Museu da Batalha tem como missão ser um museu de todos e para todos. Desta forma, o espaço foi planejado através do conceito de Desenho Universal, onde todos os recursos de acessibilidade encontram-se disponíveis a todos os visitantes. Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei Brasileira de Inclusão 13.146/2015, Desenho Universal é a “concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo recursos de tecnologia assistiva”. Assim, o MCCB entende que para além de proporcionar a condição de acesso às pessoas com deficiência, ele está fomentando o uso de seus espaços e recursos pelo maior número possível de visitantes. A responsável pelo programa de Acessibilidade do MCCB, Dra. Josélia Neves³, argumenta que:

“Ao assumir-se como um museu inclusivo, o MCCB oferece-se a todos os visitantes através de um programa museológico potenciador de experiências únicas e personalizadas. Esta vontade de servir a “todos”, no respeito pela diferença, traduziu-se em pequenos gestos que, todos somados, tornam este espaço acessível, confortável e seguro (p. 14)³.”

O Setor educativo do MCCB vem realizando, desde a abertura do museu, em 2011, diversas atividades voltadas para a sensibilização para as deficiências, bem como visitas guiadas a públicos especiais. O museu conta com duas funcionárias efetivas, uma da área da Museologia e outra do Turismo. Cabe ressaltar aqui que ambas tiveram formação em acessibilidade com a Dra. Josélia Neves, já referida acima.

Ademais, o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha é um espaço referência na área de acessibilidade, tendo recebido diversos prêmios tais como Melhor Museu Português no ano de 2011, o prêmio Kenneth Hudson (Melhor Museu Europeu - 2012) e o Acesso Cultura em 2014, entre outros.

2. PROCESSO DE INTERVENÇÃO/ACOMPANHAMENTO

2.1 Mediação Acessível: a intervenção da Terapia Ocupacional no museu

As visitas guiadas a públicos especiais já compõem as atividades do setor educativo do MCCB e são realizadas pela equipe referida em trecho anterior. Essas visitas são marcadas previamente por email, no qual deve ser preenchido um formulário com os dados do grupo visitante.

Quando o responsável pela marcação indica que o grupo possui alguma necessidade educativa especial, como a necessidade de recursos como braile, fonte ampliada, videoguia em Língua Gestual Portuguesa, entre outros, a equipe do museu oferece recursos compatíveis com as necessidades. No caso de crianças com deficiência intelectual, a opção ofertada pela equipe é o uso de fantasias, além dos recursos inclusivos do museu, como as peças para tocar, vídeos e outros. O setor educativo do MCCB dispõe de um acervo de duas fantasias relacionadas à exposição de longa duração, sendo elas: a de rainha (representando D. Filipa de Lencastre, esposa de D. João I) e a de frade dominicano (representado os frades que habitaram o Mosteiro da Batalha).

O grupo da visita sobre a qual versa esse texto pertencia a um centro de atividade lúdico-pedagógico da Vila da Batalha, que recebe crianças com e sem necessidades educativas especiais. A responsável entrou em contato com o museu e solicitou uma visita mediada para nove crianças com necessidades educativas especiais, como deficiência intelectual, déficits de aprendizagem e deficiência motora associada à intelectual. Os participantes da visita tinham entre nove e dezesseis anos.

Assim que a autora recebeu a solicitação para a mediação, realizou uma Análise de Atividade do percurso expositivo, para a partir daí eleger os recursos do museu que seriam utilizados e decidir se havia necessidade de confeccionar algum outro. Após a análise realizada, a autora optou pela utilização de alguns recursos do próprio museu e pela confecção de novos recursos de baixo custo para determinados espaços expositivos. Desta forma, o museu foi dividido em seis estações que exploravam os sentidos dos visitantes e que os faziam interagir com a informação que estava sendo transmitida.

Na primeira estação, localizada na área expositiva das “Origens”, o museu comunica que naquele território, há 250 milhões de anos, existia mar profundo e apresenta as modificações que foram ocorrendo até o período do Jurássico Superior. A proposta da visita consistia em os visitantes estarem com os olhos vendados e colocarem a mão dentro de quatro caixas sensoriais que continham os seguintes elementos: água, terra, plantas e pedras. Estes elementos foram selecionados para que os visitantes percebessem as diferentes fases que o território, em que hoje vivem, passou.



Figura 1: Visitante experienciando uma caixa sensorial.

Fonte: Arquivo pessoal.

A segunda, terceira e quarta estações utilizaram recursos próprios do museu, como as peças para tocar e vídeos. Nestas áreas, foram empregados os mesmos discursos utilizados com grupos escolares de igual faixa etária, sem necessidades educativas especiais. Na estação dois, a interação entre a peça para tocar e o visitante deu-se com a comparação entre

semelhanças e diferenças dos crânios dispostos em réplicas (que evidenciam a evolução humana – *australopithecus*, *homo erectus* e *neanderthal*) aos dos voluntários, escolhidos aleatoriamente no percurso. Foi realizada a imitação de atividades exercidas pelo *Homo Erectus* na estação três e, na quatro, a visualização de um vídeo também sobre a vida do *Homo Erectus* naquela região.



Figura 2: Estação 2 – Semelhanças e Diferenças da evolução humana.

Fonte: Arquivo pessoal.

820

A quinta estação misturava os dois tipos de recursos. Ao subirem para o segundo andar do museu e ao se colocarem em frente às maquetes que mostram as quatro fases de construção do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, os visitantes primeiramente assistiram ao vídeo ilustrativo e em seguida ouviram a explicação com o auxílio de recursos visuais próprios do museu (maquete em madeira e planta do Mosteiro). Em seguida, foram convidados a sentarem-se a uma mesinha, propositalmente colocada naquela sala do museu.

Neste momento, foi entregue aos visitantes um quebra-cabeças da planta do museu (igual à exposta na vitrine, porém, em tamanho reduzido). Sentados, eles deveriam montá-lo conforme as fases de construção explicadas durante a mediação. Este recurso, planejado pela autora, foi feito com material de baixo custo e tinha como objetivo informar sobre a construção do monumento mais importante daquele território. Após a sua montagem no museu, eles o levaram como lembrança da visita.

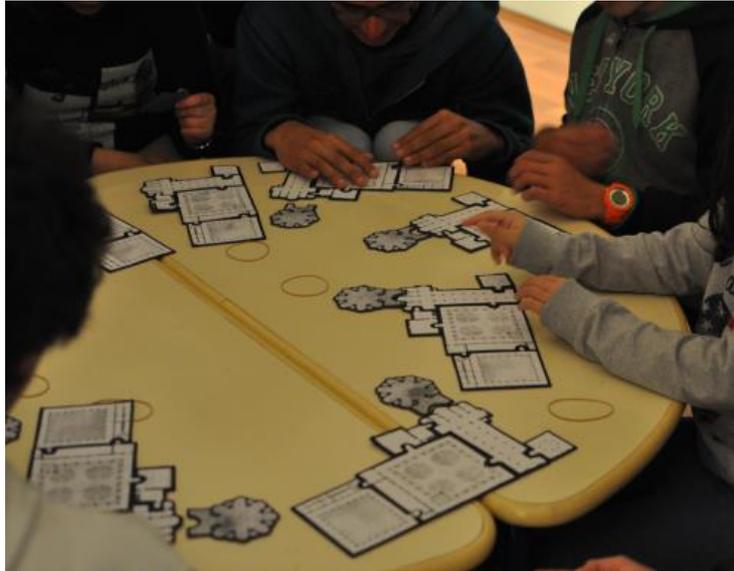


Figura 3: Visitantes montando o quebra-cabeça da planta do Mosteiro.

Fonte: Arquivo pessoal.

A última estação refere-se ao Sistema de Pesos e Medidas usado por D. Manuel I, no século XVI, durante o período das grandes navegações. Mais uma vez uniram-se os recursos de alto e baixo custo: a réplica da peça original, uma coroa e saquinhos de feltro com diferentes tamanhos e pesos. Para finalizar a visita de forma lúdica, a autora solicitou um voluntário, que deveria representar um rei e distribuir para o restante dos participantes os saquinhos. Assim, cada visitante deveria pesar o seu saquinho e o rei deveria cobrar o valor do mesmo.

821



Figura 4: Visitantes interagem com os dois recursos.

Fonte: Arquivo pessoal.

3. ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA

As formas de diálogo constante com o público visitante do museu permitem, segundo Tojal⁴, uma percepção de conteúdos culturais que podem ser explorados de diversas formas, contribuindo para que o museu proporcione novas descobertas que podem ter “[...] repercussões práticas em sua vida presente e futura” (p. 23).

A visita guiada ao MCCB foi elogiada pelos participantes e pela equipe que os acompanhou. Ao finalizarem a atividade, eles ainda encontravam-se entusiasmados e pareciam apresentar sentimento de pertença, o que foi observado por meio de abraços e pela indicação de não quererem ir embora do museu.

Tojal e Montagu⁵ relatam que “tocar significa comunicar, tornar-se parte, possuir. Tudo que eu toco se torna parte de mim, eu possuo” (p. 365). Assim, destaca-se a importância de visitas mediadas que proporcionem ao visitante interação com as obras e com o discurso expositivo do museu, seja através dos recursos próprios do museu ou de recursos de baixo custo desenvolvidos especialmente para visitas mediadas.

Para coletar os dados sobre a visita, foi realizada uma avaliação quali-quantitativa, na qual os participantes deveriam responder a um questionário fechado que arguia sobre as atividades realizadas nas estações e sobre o nível de satisfação com as mesmas, sendo as opções de resposta: “Não gostou; Gostou mais ou menos; Gostou; Gostou muito”. Apenas um disse que “gostou” da estação dois. Todas as outras estações tiveram unanimidade com a opção “gostou muito”.

Quando questionados se já tinham participado de alguma visita com mediação acessível em museu, mais uma vez a resposta foi unânime, não. Todos expressaram que gostariam de ter mais visitas sensoriais em museus e que voltariam para participar de atividades deste tipo. Ainda foram feitas aos visitantes questões sobre o discurso da exposição do museu, nas quais todos souberam responder corretamente às perguntas. Por parte da equipe acompanhante do grupo, a satisfação também foi evidente, pois após a visita foi enviado um *e-mail* ao MCCB ressaltando a importância de visitas como esta em museus.

No que tange os dados qualitativos, a autora percebeu que mesmo sendo um museu referência e com recursos inclusivos de fato funcionais, ela pôde agregar mais informações sensoriais e participativas para o grupo, aumentando a possibilidade de interação entre sujeito-informação-ambiente. Esta interação para visitantes com deficiência é relevante, pois evidencia a igualdade de direito à cultura com as demais pessoas, através do uso de recursos

de tecnologia assistiva de baixo custo, que permitiram que o discurso expositivo fosse comunicado, garantindo, assim, a fruição da cidadania cultural destes sujeitos.

Tojal⁴, ao citar Larrosa¹, argumenta que “a experiência de leitura não consiste em somente entender o significado do texto, mas em vivê-lo, e essa seria a melhor tradução, também para o ato de ler um objeto e dele se obter uma experiência significativa” (p. 17). Desta forma, para a autora, utilizar somente os recursos que o museu já ofertava poderia fazer com que a experiência não fosse tão significativa do ponto de vista da compreensão do discurso da exposição.

As caixas sensoriais já haviam sido confeccionadas pela autora, no início do estágio, e a sua eficácia já havia sido comprovada, conforme exposto na referência Salasar; Silva e Michelin¹.

O quebra-cabeças, inicialmente pensado para outra atividade, foi confeccionado com E.V.A, canetinhas e com a impressão da planta do Mosteiro. A área do museu onde se encontram as maquetes do Mosteiro que evidenciam as fases de construção pode ser considerada a área com mais recursos inclusivos, uma vez que, para além das maquetes visuais feitas em impressora 3D, o museu conta com um vídeo explicativo que explora ricamente as imagens gráficas do monumento, um quebra-cabeças colorido, feito em madeira, com as formas do monumento e um livro de grandes dimensões que mostra a planta do mosteiro.

Entretanto, por mais que sejam utilizados recursos visuais e táteis, uma experiência acaba por se tornar significativa uma vez que o visitante se torna parte dela. Assim, acreditou-se que mesmo utilizando os recursos do museu, ao montarem suas plantas, os visitantes estariam mais envolvidos com aquela informação que estava sendo transmitida. E, ao levarem para casa, poderiam reutilizá-las e, até mesmo, ensinar a informação a outras pessoas. Em relação à última estação, acredita-se que tenha sido a mais divertida para os visitantes, uma vez que se notou a animação destes durante sua execução. Para além disto, foi nesta estação que surgiram mais perguntas e curiosidades sobre a peça e a história.

¹ Larrosa, J. Aprender de ouvido. In: Linguagem e educação depois de Babel (trad. FARINA, C.). 2004. p. 33-46.



Figura 5: Visitante sorri ao “ser coroadado”.

Fonte: Arquivo pessoal.

Quarentei⁶, no site “Coletivo Ocupacional”, diz que a Terapia Ocupacional está intimamente ligada à vida. Para esta autora, a vida constitui-se de um *continuum* de atividades, de fabricação de mundo e experiências que ampliem o “existir” e o modo de estar no mundo. Em consonância com Quarentei⁶, percebeu-se a riqueza de potencialidades de ampliação de mundo em um museu quando a visita guiada é realizada com a mediação acessível feita pela Terapia Ocupacional.

A visão humanizada deste profissional, que em sua essência enxerga as pessoas enquanto sujeitos que têm potencialidades para realização de suas atividades cotidianas, acrescenta possibilidades de intervenções que só serão planejadas e implementadas aquando da realização de uma análise de atividade. O terapeuta ocupacional, no momento em que se utiliza deste instrumento, identifica, segundo Silva⁷ quais são as adaptações e graduações que serão necessárias para que o cliente, no caso os visitantes do museu, possam ter uma oportunidade de uma ação efetiva de participação na atividade. Segundo esta autora, este é um instrumento específico da profissão.

Desta forma, argumenta-se aqui a relevância deste profissional no setor educativo de um museu, pois somente o terapeuta ocupacional poderá utilizar a análise de atividade para planejar, desenvolver e executar as adaptações necessárias ao percurso da visita.

4. SÍNTESE DE CONSIDERAÇÕES

A experiência esplanada neste texto demonstra possibilidades de fruição e participação de pessoas com deficiência dentro de um museu, através da acessibilidade cultural. Advoga-se a inserção do terapeuta ocupacional no setor educativo, não só pelo conhecimento acerca das deficiências, mas pelo olhar voltado às potencialidades dos sujeitos, elo que fomenta as experiências e vivências destes sujeitos, que até pouco tempo estavam alijados do exercício da cidadania cultural. Porém, a efetivação da competência do terapeuta ocupacional dá-se fundamentalmente através da utilização do instrumento de análise de atividades, que será o seu diferencial frente aos outros profissionais.

Referências

1. Salasar DN; Silva LD'A; Michelon FF. **Atuações da terapia ocupacional no contexto museológico: sensibilização para a diversidade.** Cad. Bras. Ter Ocup. São Carlos. 2016; 24(1): 147-153.
2. Brandão JM. **Ação Cultural e educação em Museus.** Cadernos de Sociomuseologia. 1996; 5: 66-76.
3. Batalha. Município de Batalha. Divisão de Educação e Cultura. **Museu da Comunidade Concelhia da Batalha: catálogo.** Batalha. Publicenso; 2011.
4. Tojal APF. **Comunicação museológica e ação educativa inclusiva.** In: Cardoso, Eduardo; CUTY, Jenifer (Orgs.). **Acessibilidade em ambientes culturais: relatos de experiências.** Porto Alegre. Marcavisual; 2014, p 14-33.
5. Montagu A. **Tocar: o significado humano da pele.** 5ª ed. São Paulo. Summus; 1988.
6. Quarentei M. **Coletivo Ocupacional.** Botucatu: Arte Blog. 2015. Disponível em: <<http://coletivoocupacional.arteblog.com.br>>. Acesso em: 13 de novembro de 2017.
7. Silva SNP. **Análise de Atividade.** In: Cavalcanti A; Galvão C. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática.** Rio de Janeiro. Guanabara Koogan; 2014, p. 110-124.

* Este manuscrito é parte da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso da primeira autora. Para desenvolvimento da ação descrita neste manuscrito houve fomento do Edital Conexão Cultura Brasil – Intercâmbios do Ministério da Cultura.

Agradecimentos: Ao Ministério da Cultura do Brasil, À Câmara Municipal da Batalha e ao Museu a Comunidade Concelhia da Batalha.

Contribuição das autoras: **Desirée Nobre Salasar:** concepção do texto, organização de fontes e/ou análises, redação do texto, revisão. **Francisca Ferreira Michelin:** redação do texto e revisão.

Submetido em: 26/09/2017

Aceito em: 29/03/2018

Publicado em: 31/10/2018